

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM – A subjetividade do Ser, as relações de poder e a dignidade do Homem¹

Edna Maria Saldanha Pontes Diniz²

Resumo: Pretendemos com este trabalho exaltar o homem como ser humano, na sua mais abrangente concepção. Humano no sentido da ética, da semelhança com o semelhante, da igualdade na diferença, da fraternidade do olhar do outro. O homem é um ser que naturalmente é o fim de tudo e não pode ser olhado com superficialidade, como ser mercadológico. Este ser que é passível de quedas, fraquezas, mas que é capaz também de retomar o caminho, de refazer sua história. Afinal, somos forte, somos fracos, somos rudes, somos ternos.

INTRODUÇÃO

As gerações de poder sempre estiveram presentes em todas as etapas da história. O poder de propriedade e o capital monetário declinam ou avultam o indivíduo. Neste diapasão, percebe-se que o Ser estar em detrimento do Ter. Perscruta-se que o homem na sua singularidade não é um ser mercadológico, que tem um valor como as coisas, mas é o fim principal de tudo e de todos os valores.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem protege os direitos fundamentais dos indivíduos, tais como: dignidade, liberdade, fraternidade e solidariedade, independentemente de raça, cor, etnia, gênero ou orientação sexual e religião, assegurando por este meio que a diversidade seja respeitada nas diversas culturas do nosso planeta.

Insta-nos, por conseguinte, dar brados ao humano de cada homem, que está em perene construção e que é um Ser a ser. Nesta edificação, precisamos do olhar do outro para podermos nos definir como pessoa, como cidadão planetário, como ser igual que comunga com a diferença. Notoriamente a moral e a ética são molas propulsoras para se chegar a este entendimento e constituem aquilo que permite assegurar a coesão, a sobrevivência e o bem estar de uma sociedade harmoniosa.

Seres, em constante construção e, nesta esfera, não se podem rotu-

¹DINIZ, Edna Maria Saldanha Pontes. Declaração Universal dos Direitos do Homem – A subjetividade do Ser, as relações de poder e a dignidade do Homem. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Faculdade de Direito, Curso de Especialização em Direitos Humanos, 2009.

²É Advogada, graduada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Direitos Humanos pela UERN. Sua produção Acadêmica incide sobre a área dos Direitos Humanos.

lar a criatura humana através de estereótipos que a própria cultura o delimita. Somos infinitamente maiores do que possamos enxergar. Somos seres complexos, mister de transformações constantes. Este Ser deve, portanto valer pelo que é tendo em vista o seu humano, o seu eu. Não deve valer pelo que tem afinal o Ser deve estar em hierarquia do Ter.

O interior de cada homem só a lupa do amor poderá identificar e através dela desbravaremos toda injustiça e culminaremos para o esplendor da plena efetividade dos Direitos Humanos que é o sonho concretizado desta humanidade desumanizada.

O método que estabelecemos e que proporcionou a base lógica da investigação foi o dedutivo uma vez que partimos do universal para se chegar ao singular.

Exasperamos, outrossim, o tema do último capítulo da monografia que é o fastígio norteador de toda a pesquisa, qual seja: o ser em detrimento do ter nas relações humanas.

O SER EM DETRIMENTO DO TER NAS RELAÇÕES HUMANAS

O poder sempre permeou todas as etapas da história. A etimologia do verbo “poder” é derivada do latim *potere*, que significa literalmente posse. Nos dicionários modernos encontramos diferentes significados para o termo, como o ato de controlar ou de manter sob controle; direito de deliberar; influência; soberania; propriedade; dominação.

As relações de poder é um assunto de extrema importância para as ciências humanas e, sobretudo, para as relações humanas.

Maquiavel, Montesquieu, Locke, Michel Foucault, Bertrand Russel, entre inúmeros pensadores que tecem a rede de saber que sustenta a civilização ocidental, ocuparam-se de discutir as características do poder, de desvendar as maneiras como os indivíduos obtêm e questionam a sua legitimidade.

Os reis e príncipes das histórias de Shakespeare e Tolstoi, os faraós do Egito, Alexandre Magno, o Cidadão Kane de Orson Welles, os estadistas do século XX, Kennedy, Roosevelt, Churchill, entre outros, ao longo dos séculos, desfilam personagens reais e da ficção que são portadores disto que, ao mesmo tempo, é estigma e aura mística, sinais que emanam do poder.

Notadamente, desde a criação do homem a noção de poder revela-

se em todas as esferas. O homem tinha o poder de conceber o melhor na caça, pois tinha mais habilidade e força nesta conduta, a dignidade por sua vez, seguidamente na história, fazia valer a quem prevalecia o domínio de propriedade. Da mesma forma, só era tido puro nas religiões predominantes da época, quem pudesse doar a igreja o valor dos seus pecados e assim sucessivamente e continuamente reitera-se de que o valor está agregado na condição do ter e não do que se é.

Em quase todas as culturas o valor do homem estar associado ao resvala da valoração do ter. Em consequência disto, percebe-se que as referências que alicerçam os valores estão esmiuçadas, haja vista que, independentemente de sua personalidade, dos seus méritos, da sua capacidade, do seu dinamismo, sem o respaldo do ter, ficará o seu brilho ofuscado.

Os valores atualmente exaltados é um paradoxo na esfera de um mundo humanizado, onde uns gritam por universalização, unificação e age com discrepância na busca incessante pelo poder a quaisquer custas, por qualquer meio.

Neste ínterim, por mais que o ser humano consiga sobressair deste canto, não conseguirá que as notas musicais tomem o som que deve ter. Sempre existirá a desafinação do instrumento.

Quando o homem deixou para trás sua condição animal e ingressou na história, já trouxe consigo o instinto de poder. A organização do homem em sociedade só exacerbou e tornou mais intrincada essa necessidade.

A vida social se traduz numa permanente luta tudo para se ter este potencial norteador que instiga a falta de paz, a desarmonia, numa corrente de interesse que molda o ser em função do ter.

O poder atrai e seduz, pode corromper ou engrandecer um homem.

A vida neste contexto parece impulsionada para o desprezo dos valores primordiais do homem que cernem em sua dignidade humana como o respeito, amizade, companheirismo, cumplicidade, honestidade.

A felicidade nestas veias se restringe, portanto, ao ter, poder ter. Os sentimentos, a aura do semelhante, a viés de cada ser, se retraem naquilo que este mecanismo da economia desenvolveu em cada homem: o ter em detrimento do ser.

Acumulando coisas, o ser humano passa a ser, ele também, coisa:

de possuidor passa a possuído. Em tal condição, descarta e é descartado. Sentimos deste modo, a frieza do outro, sua falta de calor, de respeito e, principalmente, de amor, sem perceber que também somos condutores de frieza e de ausência de afeto.

O homem passa a ser apenas um componente subjugado, acorrentado às coisas que ele pensar lhe libertar. Suas individualidades pouco ou nada representam diante dos interesses comuns, tanto menos quanto estes interesses comuns, concentrem-se nas mãos de poucos comuns. A exploração desenfreada, fomentada pelas estruturas de poder cada vez maiores, joga o homem à condição de mero figurante nesse drama cujo papel principal foi-lhe tomado.

A sociedade organiza-se como uma rede de relações de poder autoritário “que se espalha não só pelas chamadas instituições políticas, mas por todas as relações sociais” (Freire & Brito, 1984, p.29), inclusive a familiar.

Percebe-se, portanto, que não há espaço para sentimentalismos neste mundo marcado pelo individualismo dos interesses particulares.

Falando sobre direitos humanos, o escritor e rabino, Nilton Bonder, profetiza o que de fato acontece. Diz o autor, que o ser humano não irá transformar este mundo com a noção de direitos, mas sim com aquilo que mais nos mobiliza, os interesses.

Isto demonstra que há uma grande crise de ideologias. Um mundo que vai lentamente abandonando o paradigma dos “direitos” e abraçando o dos “interesses”.

O segredo, mais fácil de apontar do que de realizar, é fazer esses “direitos” coincidirem com os nossos “interesses”.

Neste embate de idéias, percebemos que não é fácil discernir a consciência do inconsciente. A consciência nos diz que devemos plantar aquilo que queremos colher, contudo, inconscientemente ou conscientemente, não enveredamos por este caminho. Estamos indo na contra mão, temos a consciência disso, mas continuamos estrada a fora.

Uma sinfonia para estar sincronizada, precisa que todos os seus componentes estejam afinados. Assim acontece também na nossa vida que, comparada a esta arte, necessita de cada indivíduo que busque a excelência com seu “solo”. Todavia, a arte só existirá, se houver harmonia com o conjunto, melhor dizendo, no exercício da individualidade de cada um, todos vêm

na extensão de seu “solo” o “interesse” em estar entrelaçado, interligado com o produto e a experiência do grupo, do todo.

O progresso mostra suas presas caninas e dita às atuações nesse palco que o homem construiu para si e sobre o qual está proibido pisar.

Se o homem teve que lutar contra as forças físicas, as intempéries, contra uma natureza não domada; hoje o homem moderno vive diante de um inimigo poderoso e invisível: o capitalismo, seus instrumentos de sedução, a ideologização, o assujeitamento, a desrazão do cotidiano e a impotência causada por esse grande leviatã: as forças da modernidade. (OLIVEIRA, 2003, p.58).

O capital joga às favas tudo quanto se refere à dignidade, consideração, respeito e sentimento. Ou seja, acalcanha o que há de mais sagrado em cada um: a humanidade, a humildade, o companheirismo, a cumplicidade, a tolerância.

Não há mais vestígios daqueles primeiros aglomeramentos cuja finalidade era o homem e suas necessidades. Não há espaço para o saudosismo e nem para a sensibilidade. O capitalismo impõe-se e determina que o útil deva ser prioritário e este está longe do sentimentalismo, secundário. Assim, clareiras são esculpidas tanto nas matas, quanto nos corações e se não houver mais matas onde as abrir, derrubam-se as antigas construções para que dêem lugar a outras maiores e mais imponentes.

Relíquias são esvaziadas de memória, pois as recordações devem ser apenas isto: recordações e não relíquias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de características diferenciais do ser humano demonstra como assinalou Kant, que todo homem tem dignidade, e não um preço, como tem as coisas; ou será que desvirtuamos este fundamento e que passamos a ter um preço na permuta de um bem desejado ou de uma condição almejada?

Notícia com brio Morin (2003): “cada homem traz em si a humanidade toda”. Ocorre porém, que somos abocanhados pela civilização reinante globalizada que desdiz esta sabedoria notável. Na busca de humanizar o mundo para si, o homem se desumanizou, e por assim ser, esqueceu de investir nas qualidades que favorecem verdadeiramente a humanidade.

Segundo o filósofo André Comte-Sponville, a moral tem origem em quatro dimensões, porém relativas. São elas: a vida, a sociedade, a razão e por fim o desejo ou o amor. Cita ainda o autor, que mesmo sem ter um funda-

mento absoluto e sem poder existir, a moral é, apesar disso, biologicamente justificada, socialmente justificada, racionalmente justificada, enfim, amável, na medida exata em que é fiel ao amor. (Comte-Sponville, 1996, p. 146).

Justificando estas origens, incide o autor que a vida não pode ser fundamento da moral, mas faz parte das suas origens, uma vez que apenas um ser vivo, pode ter uma moral, e esta, muito provavelmente serve, entre outras coisas, para assegurar a sobrevivência da vida, a conservação da espécie.

O problema, contudo, é bem mais complexo. Há, por exemplo, uma questão que encontramos em Kant e Dostoiévski, mas também em Camus ou em Bérghson que é a seguinte: “Se, para salvar toda a humanidade, que, de outro modo, estaria votada a uma destruição total, fosse necessário torturar uma criança, uma só, deveríamos fazê-lo?” A esta pergunta, a vida responde claramente, sim. A moral, na perspectiva desses autores, responde claramente, não. Posto que uma humanidade que sobrevivesse a tal preço, diz severamente Kant, não mereceria sobreviver. A vida, portanto, é uma origem da moral e não o seu fundamento.

A vida, não tem valor senão ao serviço de outra coisa para além dela, que a ultrapassa. O que? O amor, a justiça, a liberdade. Valores: uma moral. Em segundo lugar está a sociedade, também ela é uma das origens da moral. Durkheim tem razão ao apresentar a moral como sendo entre outras coisas, aquilo que permite assegurar a coesão, a sobrevivência e o bem estar, se possível, de uma sociedade.

A terceira origem está na razão, sem ela não poderíamos ter uma moral. Segundo Kant, agir moralmente é sempre, mais ou menos, colocarmos-nos no lugar dos outros. A razão abre-nos ao universal; sozinha, ela não seria capaz de comandar em absoluto. Não existe moral sem razão; mas nem toda a decisão da razão é moral.

Em resumo, a razão é uma das origens necessária, mas não suficiente, da moral; não é nem o seu fundamento, nem a sua única fonte.

Por fim, a última origem: o amor ou o desejo. Como diz Santo Agostinho: “Ama e faz aquilo que queres” Isto diz o essencial. A moral é uma imitação do amor: agir moralmente é agir como se amássemos. É por isto que quando o amor está presente a moral não é necessária. Amar o amor é, seguramente, submeter-se a ele, quando ele existe, mas é também, paradoxalmente, submeter-se precisamente onde ele falta: é agir por amor, quando se ama, e como se amássemos, quando não amamos. É por isto que o amor é uma das origens da moral.

Amamos o amor e não sabemos amar. É isso que nos condena a moral, porque, por não sabermos amar, somos obrigados, por amor do amor, a tentar agir como se amássemos. Não é o valor que determina o amor; é o amor que produz o valor. Não é o amor que é amável; é o amor que dá valor àquilo que ama.

O amor ou o desejo? Os dois: a passagem de um reitera o que é o outro. O amor não é fundamento, é uma graça e é a única fonte transformadora.

O homem como espécie, e cada homem em sua individualidade, é propriamente insubstituível; não tem equivalente, não pode ser trocado por coisa alguma, não pode ser desrespeitado em sua condição.

O ser humano é belo em sua essência e é humano. O humano Ser pode ser belo. O belo pode ser humano. O belo Ser pode ser humano. O belo, o ser, o humano, construção perfeita, que se contrai com o imperfeito do humano. O poder de ser, o ser de poder, também pode ser humano, depende do olhar de cada homem.

REFERÊNCIAS

COMTE- Sponville, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes; 1995.

FREIRE, R. & BRITO, F. **Utopia e Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Editora WMF / Martins Fontes, 2008.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. Trad. de Anwar Aiex. 2ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, W. F. C. de. Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime. Revista FACEL, v. 1 (n.º 1): p. 56-62, 2003;

RAWLS, John. **Uma Teoria da Justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.